

**EDITORIAL**

**PAISAGEM, INTERDISCIPLINARIDADE E A ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE BIOGEOGRAFIA**

A paisagem é uma categoria cara à Geografia. Enfrentando altos e baixos ao longo da história, a paisagem tem sobrevivido mesmo sofrendo duros golpes na sua estrutura conceitual. No espaço deste opúsculo cabe senão um pequeno quadro de reflexão sobre o assunto. É claro, guardadas as devidas proporções de sua moldura.

No alvorecer da modernidade, a Geografia se viu num diálogo estreito com a cartografia, a literatura de viagens e a pintura, principais meios de representação da época. Havia miscibilidade entre as técnicas dos artistas e o *know-how* geográfico. Com o iluminismo, as tentativas de ordenação e integração do conhecimento prepararam o terreno para o enlevo da paisagem.

O espírito da *natiürgemalde*<sup>1</sup> de Humboldt, imprimiu à paisagem o signo de cientificidade sem, contudo, eximir sua dimensão estética. Mais que isso, semeou no conhecimento humano uma visão integrativa do universo. Não obstante o esforço do naturalista prussiano, a prevalência do legado positivista e a crescente especialização do conhecimento minaram a abrangência do conceito de paisagem, expondo sua polissemia como uma fragilidade.

Quando em 1963, Sochava propôs o conceito de geossistema, o fez para indicar especificamente a preocupação da geografia física com formações naturais e, num tom demarcatório, evitar inconvenientes da polissemia associada ao conceito de paisagem<sup>2</sup>. Contudo, sua proposta não logrou o êxito esperado, mormente pela sólida estrutura acadêmica do estado soviético, que sedimentara o léxico da Ciência da Paisagem, ao longo das cinco décadas anteriores.

<sup>1</sup> Ver o *Tableau physique des Andes et pays voisins no Essai sur la géographie des plantes*.

<sup>2</sup> SEMENOV, Y.M.; SNYTKO, V.A. *The 50th Anniversary of the Appearance of V. B. Sochava's First Article on the Geosystem. Geography and Natural Resources*. Vol. 34, No. 3, 2013. p.5-8.

No Brasil da segunda metade do século 20, o esforço realizado para circunscrição das chamadas “categorias-chave” da Geografia, de certo modo obliterou o espectro da paisagem em favor do apelo marxista à crítica social. Neste contexto, florescem o território e o espaço como categorias relevantes para interpretação do momento histórico. O lugar e sua base fenomenológica se colocam no cenário nacional, não sem dificuldade, diante de um estruturalismo vermelho majoritário.

Em Milton Santos<sup>3</sup> a paisagem é um conjunto de formas, como construções vazias, sem pessoas. A morfologia do espaço geográfico sem o movimento da Sociedade. Ainda é referida, pobremente, como aquilo que se vê, relativizada à percepção do indivíduo e seus processos seletivos de apreensão. A paisagem miltoniana é projetada a um tom fugaz, de aparência, parte de um construto estereotípico da sua extensão pictórica.

O espaço geográfico e o território usado destacaram-se como categorias para representação do drama social trópico-americano vivido e sofrido no cenário da Guerra Fria. Quase cômico, é o fato de que a paisagem permaneceu forte, justamente no *mainstream* geográfico do eixo soviético-maoísta-castrista. O alimento da paisagem foi a demanda por planejamento.

No crepúsculo da modernidade, a geografia brasileira assistiu, por assim dizer, a um enfraquecimento da paisagem como categoria adequada para explicar seus temas majoritários. Esta sobreviveu nas geografias física e cultural e sobretudo nas escolas, onde sua polissemia sempre foi frutífera aos propósitos da educação geográfica no ensino básico.

A convergência dos momentos na ascendência da pós-modernidade realimentou a paisagem como categoria relevante. A crise das ideologias e o fim da bipolaridade política global se manifestaram como uma abertura para retomada de conceitos e temas outrora severamente criticados dentro da geografia brasileira.

A popularização das geotecnologias, a convergência midiática e o avanço dos instrumentos de observação da Terra somaram-se ao debate ambientalista, dando novo fôlego à paisagem. Na sociedade da informação, a interdisciplinaridade e a preocupação política/ambiental semeadas por Humboldt emergem como temas da ordem do dia. Neste cenário a polissemia pode ser um trunfo.

Produto deste tempo, a recém-criada Associação Brasileira de Biogeografia (ABBioGeo) nasce com o signo da interdisciplinaridade. Em articulação coordenada pelos

---

<sup>3</sup> Cf. a seção ‘Uma Necessidade Epistemológica: A Distinção entre Paisagem e Espaço’ no livro *a Natureza do Espaço e o capítulo 5 ‘Paisagem e Espaço’ em Metamorfoses do Espaço Habitado.*

professores Dr. Diógenes Félix da Silva Costa e Dr. Luiz Antonio Cestaro (ambos da UFRN), professores e pesquisadores de 20 instituições do país reuniram-se no I Workshop de Biogeografia Aplicada (Workbio) na cidade de Caicó-RN.

Na tarde do dia 07 de dezembro, o grupo de trabalho do I Workbio decidiu fundar a ABBioGeo, tendo como presidente eleita a Dra. Cláudia Câmara do Vale (UFES) e vice-presidente a Dra. Sueli Angelo Furlan (USP). Ainda foram eleitos o Dr. Diógenes Félix da Silva Costa (Primeiro Secretário), Dr. Achilles D'Ávila Chirol (UERJ – Segundo Secretário), Dr. Eduardo Rodrigues Viana de Lima e Dr. Bartolomeu Israel de Souza (Tesoureiros, ambos da UFPB).

A semente da *natürgemalde* encontrou terreno fértil nos desafios da diversidade geobio-sociocultural do Brasil deste início de século. A Associação Brasileira de Biogeografia surge na esteira de outras propostas integrativas, como as recentes *Associazione Italiana di Geografia fisica e Geomorfologia* (2000), *International Biogeography Society* (2001), *Association Francophone de Géographie Physique* (2014) e a Sociedade Brasileira de Geografia Física, aprovada para criação na assembleia do XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada.

A criação destas associações aponta para o *Zeitgeist*. A preocupação com o diálogo, a integração e a interdisciplinaridade são marcas da nossa época. A demanda que se nos impõe é a da abertura à comunicação. Neste sentido, o espaço criado pela Associação Brasileira de Biogeografia é mais que oportuno!

O último volume da Revista de Geografia de 2017 reúne 16 artigos regulares de pesquisadores de diversas Universidades sobre os mais variados temas da Geografia. Além destes, apresenta ainda um artigo especial internacional, elaborado pela Professora Mariana Elkisch da Universidad Autónoma da Cidade do México - Grupo de Investigación em Ecologia Política (GIEEP).

***A Equipe Editorial da Revista de Geografia (Recife) deseja a todos uma excelente leitura, boas festas e um ótimo 2018!***

*Dr. Lucas Costa de Souza Cavalcanti*  
*Professor Adjunto do Departamento de Ciências Geográficas – UFPE*  
*lucascavalcanti3@gmail.com*